

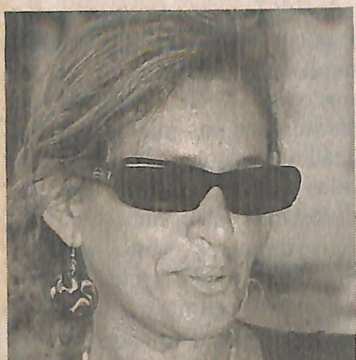
Nova cor para o Forte São Marcelo

Edificação do século XVII ganhou coloração clara, que contrasta com a cor do mar e causa impacto na paisagem

FOTOS: EDUARDO MARTINS

FALA POVO

O que você acha da nova pintura?



Denise Sampaio,
41 anos, guia de turismo

“Não está muito legal não. Tinha que ser uma cor mais viva. Está tão apagado que eu nem tinha percebido. Mas era melhor do jeito que estava. Tirou um pouco da história. Tinha de ter preservado, deixado como estava.”



Clémence Lemarchand,
24 anos, estudante de Direito, turista parisiense

Seria melhor que tivesse conservado o aspecto de mais velho. É um forte antigo, não é? Assim ficou muito moderno, talvez. Perdeu a sua alma, a sua unidade. Fica menos compreensível.”

MARY WEINSTEIN

Salvador está se acostumando ao novo visual do Forte São Marcelo, que, há mais de uma semana, exibe um terço de sua parte externa pintada em cor de areia, quase branco. A mudança é de causar impacto na paisagem. Durante quase toda a sua existência e até a semana passada, essa extensão, recentemente modificada, era escura.

A emblemática edificação de forma circular, construída entre os séculos XVII e XVIII, na Baía de Todos os Santos, para proteger Salvador, está sendo reformada com aprovação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que tem como incumbência cuidar da proteção dos monumentos nacionais para que seus valores não sejam perdidos. O Forte São Marcelo é tombado desde 1938.

A reforma vinha sendo anunciada por uma placa colocada há cerca de dois meses na própria edificação e deverá estar concluída antes do ano novo. Seu prazo para acabar foi marcado para 30 de dezembro. Custará R\$ 350 mil aos cofres municipais.

O superintendente de Urbanização da Capital, Adriano Peixoto, informa que ainda faltam a pintura da parte interior e a colocação de janelas, portas e iluminação. Ele diz que toda a ação vem sendo acompanhada pelo Iphan. “Foi feita a limpeza eliminando os fungos e o limo. Depois, recuperamos a argamassa pintada e a de alvenaria de pedra. A coloração foi determinada pelo Iphan”, disse Adriano Peixoto.

O superintendente da Regional do Iphan em Salvador, Eugênio de Ávila Lins, diz que a parte de pedra nunca vai ser pintada, apenas o reboco. “O trabalho é de conservação, e não de restauro”, esclarece Eugênio, tentando acolher o impacto causado pela nova pintura. “A tendência da cor é esmaecer. Se chover muito, o processo é mais rápido. A pintura serve como proteção. Era para

Jornal: A Tarde
Data: 05/12/2005
Caderno: Local
Página: 07



Construção secular faz parte do dia-a-dia dos pescadores que navegam pelas águas da Baía de Todos os Santos

O professor da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, Mário Mendonça, considerado uma das maiores autoridades em conservação e restauro de fortificações no Brasil, diz que nunca pesquisou se o Forte São Marcelo tinha sido branco no passado. “Mas posso dizer que os fortes não eram chamativos. Isso é um princípio da própria engenharia militar e por um motivo óbvio: para não se tornar alvo fácil. Em sua volta tinha calado (distância entre a linha de flutuação de uma embarcação e sua quilha inferior) para que um navio pudesse circundá-lo e atirar”, disse o professor, contando que o São Marcelo, por ser redondo, podia disparar em todas as direções.

“Se alguém encontrou vestígios, pode ser. Os fortes foram pintados de branco pelos militares depois que passaram a ser usados como quartel, no século



Equipe de operários recompõe a calçada localizada no anel externo da edificação



Antônio Carlos Nogueira, 55 anos, carregador da área do cais
“Ficou lindo, todo novo, pintadinho. Está mais conservado. O prefeito está dando condições ao turista de vir conhecer e gostar da visita. Nunca foi assim.”



Frotilde dos Santos Reis, 50 anos, baiana de acarajé

“Eu estou achando feio. É mais para o café do que para areia. Mas é quase branco. Pelo menos vai clarear a vida do forte. Tudo que é branco é bom, é paz.”



Calândia Souza de Jesus, 32 anos, vendedora

“A cor é muito apagada. Deveria ser azul ou branco. Está sem graça. Deveria ser uma cor que combine com as cores da Bahia”.

pintar de branco, mas, como as pessoas perdem a referência, fizemos a opção do bege. É tinta à base mineral, vai diminuindo a intensidade, deixando de chamar a atenção”, disse Eugênio de Ávila Lins.

LIMPEZA – O Coronel Anésio Ferreira Leite, diretor-presidente da Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares (Abraf), está satisfeito com o encaminhamento da iniciativa capitaneada pela prefeitura. “Era escura por ação do tempo, por causa dos fungos, da água da chuva. Pintando, você cria um visual de limpeza”, disse o coronel, informando que o prédio era branco. “Era de cal. Hoje, nós estranhamos porque nos acostumamos ao escuro. Não pintamos de branco para não refletir muito a luz. Colocamos uma cor mais fosca”, finalizou, afirmando que “a cor foi aprovada pelo Iphan, que é parceiro nosso neste trabalho”.

XIX e XX. Mas acho que as pessoas estão fundamentadas”, disse o professor Mário Mendonça, que não chegou a ser consultado pela prefeitura ou pelo Iphan, sobre a atual reforma do Forte. Antes desta, há registros de que na década de 80, o Forte foi preparado para ser Museu da História Naval da Bahia.

Para Marieli Santana, arquiteta-coordenadora do Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, com a pintura atual, o tempo de existência do Forte foi deixado em segundo plano, embora o monumento não exista isoladamente. “Ele faz parte de um conjunto, não é uma coisa que você pode tornar novo e visível a todo o tempo. Não tenho conhecimentos de que o forte tenha sido branco no passado, mas de qualquer jeito a gente não faz o tempo voltar”, critica.



Andaimes foram montados no local para o serviço de pintura da parte interna do forte

Fortificação foi cenário de revolta e torturas

O Forte São Marcelo jamais foi cenário de luta contra qualquer invasor porque não houve ataques de estrangeiros à cidade depois que ficou pronto. Só internos. Partiram do próprio forte, contra a própria cidade para a qual foi construído.

Em 1833, houve uma rebelião de presos políticos, liderados por Miguel Guanais, que acabou em bombardeio contra Salvador. Os presos queriam a rendição do governo e a instalação do federalismo. “Dali saiu um manifesto muito interessante, de linhas claramente democráticas”, contou o historiador e professor da Ufba João Reis. “Na Revolta dos Malês, dois anos depois, os negros que fizeram o levante ao final do Ramadã, que coincidia

com o Domingo do Bonfim, foram presos ali e interrogados, muitos sob tortura”, complementou Reis. As masmorras, sob o nível da água, eram de um calor e umidade insuportáveis, contam os arquivos.

Em 1912, a última ação bélica mirou Salvador. Foi para apressar a posse do governador J.J. Seabra. Acabou destruindo o Palácio Rio Branco, que pegou fogo, e, junto com ele, a biblioteca mais antiga do Brasil. O Palácio dos Governadores tinha acabado de passar por uma reforma, entre 1900 e 1912.

TIROS – Além dos tiros contra a própria cidade, os canhões do Forte São Marcelo foram usados para marcar horas e datas solenes. Era chamado de “o

tiro do São Marcelo”, que, agora, o prefeito João Henrique quer recriar. O professor Mário Mendonça, que conta essas histórias, diz que o forte conhecido como “umbigo do Brasil” tem sérios problemas em sua estrutura, que está comprometida, e adverte que é preciso ser restaurado. Mário Mendonça, que este ano publicou “As fortificações portuguesas de Salvador”, explicou que, do jeito como está agora, não se pode pensar em tiros ou em colocar restaurantes (outra pretensão atual).

“Se começar a dar tiro vai desabar. O Iphan impediu uma festa de Reveillon lá, há alguns anos, por causa disso. Acho notável voltar a história, mas isso no dia em que o edifício estiver

totalmente consolidado - isso é preliminar. Porque senão, o anel externo (que compõe a edificação) pode cair. Do lado esquerdo de

quem olha de Salvador, existem cavernas enormes que precisam ser preenchidas, por exemplo”, disse Mário Mendonça. (M.W.)

